

DUPLICAÇÃO, SUPLEÇÃO, AFIXAÇÃO E ALTERNÂNCIA VERBAL NAS
LÍNGUAS TUPI – PLURALIDADE DE SINTAGMAS NOMINAIS OU DE
EVENTOS?

(REDUPLICATION, SUPPLETION, AFFIXATION AND VERBAL ALTERNATION
IN TUPI LANGUAGES: NOMINAL SINTAGMS PLURALITY OR EVENTS
PLURALITY?)

Suzi Oliveira de LIMA
(Universidade de São Paulo – USP/ FFLCH/ DL)

ABSTRACT: this paper aims discuss reduplication, suppletion, affixation and verbal alternation in Tupi languages. We will present how these phenomena were described and what is the function of them in the languages where they happen.

KEYWORDS: reduplication, suppletion, affixation; verbal alternation; Tupi.

1. Introdução

Este trabalho visa apresentar o comportamento dos sintagmas nominais e verbais no que concerne à marcação de número nas línguas Tupi, considerando o que a literatura destas línguas apresenta. Procuraremos fazer um levantamento dos fenômenos morfológicos que ocorrem em nomes e verbos nestas línguas de forma a propor alguns termos para uma análise destes fatos. Enfatizaremos, principalmente, os fenômenos relacionados à língua Juruna. Procuraremos mostrar que a língua Juruna apresenta duplicação verbal para marcar pluralidade de eventos, não de argumentos.

2. Sintagmas nominais e os processos de pluralização

Vejamos, primeiramente, os exemplos que ilustram o que sabemos até o momento sobre a marcação de número na língua Juruna:

2.1) o morfema {i}¹ para nomes [+ humano] tanto para sujeitos transitivos (2), objetos (3, 4) como para sujeitos intransitivos (1):

(1) Idja-i imambimambũ² (2) Idja-i ali etaetaeta

¹ Vale notar que Fargetti (2001; 142) fala sobre o morfema {i} como marca de plural que é utilizada na formação da terceira pessoa do plural pronominal (*abĩdai*). Ainda observando “*abĩdai*” também podemos ressaltar a presença de {da} o qual a autora traduz como “pessoal, grupo”. Contudo, a autora não discute a presença do morfema {i} (como morfema de plural) em sintagmas nominais, mas tão somente na forma “*abĩdai*”.

² Os dados sem identificação foram coletados por mim e por Luciana Storto, em trabalho de campo realizado em abril de 2006. Os dados da língua Juruna (inclusive os

- | | | |
|-----|--|--|
| | Mulher-pl engravidar-dupl.
“As mulheres engravidaram” | Mulher-pl criança banhar-dupl
“As mulheres vão banhar as crianças” |
| (3) | João iidja-i lapīapīku
João mulher-pl engravidar-redupl.
“João engravidou as mulheres” | (4) a'e ali-i yadītu
paca criança-pl assustar
“As pacas assustaram as crianças”. |

Aparentemente, a marcação de plural é possível na língua, mas não necessária, uma vez que há dados onde os argumentos não apresentam marca de plural, tal como vemos no exemplo (2), no qual mulheres (*idja-i*) é marcado para plural e “crianças” (*ali*), não.

2.2) o morfema zero para os casos de nomes [- humano]

- | | | | | | |
|-----|--|-----|--|-----|---|
| (5) | ba'e ali-i jadītu
paca criança-pl assustar
“As pacas assustaram as crianças” | (6) | Epa daeku na
Árvore derrubar 1s
“Eu derrubei a árvore” | (7) | Epa daraku na
Árvore derrubar 1s
“Eu derrubei as árvores” |
|-----|--|-----|--|-----|---|

A partir dos fatos elencados acima podemos dizer que, na língua Juruna, apenas sintagmas {+humanos} recebem marca de plural {i} em oposição à marca zero para sintagmas nominais singulares. Quando o sujeito/ objeto é plural e {-humano} a marca de plural {i} não pode ser afixada. Com isso, temos que as formas para objetos não humanos sempre terão o morfema zero para singular e plural.

Em Juruna, há ainda outra marca morfológica - {da} - a qual está relacionada à pluralidade, - ou mais especificamente, ao conceito de coletivo - uma vez que ela não aparece em sentenças onde sujeito e/ou objeto são singulares. {Da} também está relacionado ao traço {+humano}, uma vez que ele não aparece em sentenças em que sujeito e/ou objeto são animais ou coisas inanimadas, mesmo que eles estejam no plural. Em suma, observando os dados nos quais {da} se apresenta, podemos tecer algumas considerações sobre sua distribuição na língua: 1) só aparece com sujeitos (vide exemplos (2) e (3), sem marca de {da} com o objeto plural); 2) pode aparecer simultaneamente a outra marca de plural da língua {-i} (vide 10); 3) possivelmente traz propriedades semânticas de indeterminação, pois na ausência do sujeito fonologicamente realizado, ela pode aparecer demarcando a existência dos traços de sujeito {+humano}, {+indeterminado} (vide exemplo (9)).

- | | | | | | |
|---|---|---|--|----|--|
| 8 | wī da senahī
chegar pl. homem
“Homens chegaram” | 9 | epīa upīpī da
buraco cavar pl.
“(eles) cavaram o buraco” | 10 | senahī-i da azahaha
homem-pl pl rir
“Homens riram” |
|---|---|---|--|----|--|

Antes de concluirmos, vale observar um quadro que resume algumas características dos sintagmas nominais em relação à marcação de número em outras línguas Tupi:

▪ Marcação de plural e coletivo nas línguas Tupi

Línguas	Singular	Plural
Mekéns	zero	Galucio (2001; 29): /-iat/ (sem restrição de uso. Pode não ser

de Fargetti (2001), originalmente marcados com tom) serão apresentados através da ortografia da língua, sem marcação tonal.

		marcado se há outras marcas de plural na sentença).
Karitiana	zero	Müller, Storto e Coutinho-Silva (2005): zero ³
Munduruku	zero	A partir da observação dos exemplos de Angotti (1998) observamos que a língua parece não marcar número, assim como Karo e Karitiana.
Gavião	zero	Moore (1984): /éèy/ (só para nomes animados)
Xipaya	zero	R.Rodrigues (1995; 10): /-i/ (só para sujeitos: animados e inanimados).
Karo	zero	(Gabas Jr. 1999; 41): zero
Juruna	zero	/-i/ : para sujeitos ou objetos {+ humano}. {da} : (só para sujeitos {+humanos}, {- determinados}).
Kamaiurá	zero	(Seki 2000; 59): Sufixos: {-met}/{-het}/{-wet}/{-n} (para nomes [+animados] em grande parte, [+humano]).

A conclusão que chegamos observando Juruna e as outras línguas do tronco Tupi é que alguns tipos de sintagma nominal recebem marcação morfológica quando estão no plural ou coletivo, mas há restrições sintáticas e semânticas para a ocorrência desta morfologia, tal como podemos observar em comparação com Kamaiurá, Xipaya e Gavião. A compreensão dos sintagmas nominais é relevante, pois nestas línguas não são apenas estes sintagmas que são morfológicamente pluralizados, mas também os sintagmas verbais. Na seção a seguir, apresentaremos os processos possíveis que podem ocorrer nos sintagmas verbais das línguas Tupi e suas funções possíveis. Em um segundo momento (seção 4), nos deteremos apenas na questão nos fenômenos associados à pluralidade.

3. Línguas Tupi e os fenômenos de mudança de raiz verbal.

Os trabalhos de descrição de línguas Tupi apresentam uma série de fenômenos de modificações nas raízes verbais, as quais recebem nomes diversos na literatura dessas línguas. A partir dos dados, dividimos essas mudanças em quatro grandes grupos: 1) supleção de raiz verbal; 2) afixação; 3) alternância de raiz e 4) duplicação. A partir da observação das línguas Juruna (família Juruna), Xipaya (família Juruna), Karo (família Ramarama), Karitiana (família Arikém), Gavião (família Mondé) Mekéns (família Tupari), e Kamaiurá (família Tupi Guarani) propomos o uso dos termos apresentados anteriormente da seguinte forma:

- 1) **Supleção:** modificação completa da raiz. Exemplo: *tahu* e *wāna* (“correr”, em Juruna).
- 2) **Afixação:** modificação da raiz via afixo. Exemplo: *taeta* e *etaeta* (“banhar”, em Juruna. Com acréscimo do afixo “e”).

³ Storto (comunicação pessoal) e outros autores (tal como Seki [2000]), hipotetizam a existência de um marcador morfológico para coletividade. No caso de Karitiana, há um sufixo /-ra/ em adjetivos com sentido de coletivo e/ou quantidade (não se trata de flexão de número).

3) **Alternância de raiz verbal:** modificação da raiz em apenas um ponto, sem que seja este um afixo. Exemplo: *daeku* e *daraku* (“derrubar”, Juruna).

4) **Duplicação:** quando o verbo é repetido em forma completa (*enaena*, “vomitar”, em Juruna e Xipaya) ou parte de um morfema dele é repetido, no interior da raiz verbal com eventual inserção de outros morfemas (*idjidaku* > *idjidaidaku*, “bater”, em Juruna).

Uma das principais discussões acerca dessas mudanças é o que elas acarretam para a sintaxe da língua na qual ocorrem. Observando os dados da língua Juruna, observamos que estes fenômenos podem estar associados tanto à mudança de valência do verbo (vide exemplos 11 e 12) assim como à pluralidade (exemplos 13 e 14):

11) Supleção (indica mudança de valência quando associada a verbos inacusativos [11] e transitivos)

a)
Iidja puju wĩnhu
Mulher feijão cozinhar
“(A) mulher cozinhou feijão”

b)
Uhu puju
cozinhar feijão
“(O) feijão cozinhou”

12) Afixação

a)
Ka’e ba’e
assar paca
“(A) paca assou”.

b)
idja ba’e u-kã’e ka’a he
mulher paca v-assar no mato
“(A) mulher assou a paca no mato”

13) Supleção (indica pluralidade quando associada a verbos inergativos [13] e ditransitivos)

a)
Una tahu
1s correr
“Eu corri”

b)
senahĩ-i da wãñã
homem-pl pl correr
“Os homens correram”.

14) Alternância de raiz

a)
Epa daeku na
Árvore derrubar 1s
“Eu derrubei a árvore”

b)
Epa daraku na
Árvore derrubar 1s
“Eu derrubei as árvores”

Como podemos ver através do resumo da literatura que segue, os fenômenos de afixação, supleção e alternância de raiz também apresentam estas mesmas duas funções que apresentamos em Juruna - para mudança de valência e pluralidade - sendo que Mekéns, Gavião, Kariana e Karo apresentam estas modificações de raízes associadas a número (singular/ plural) de eventos e/ou argumentos e Xipaya, assim como Juruna, apresenta esses fenômenos tanto mudança de valência como para pluralidade:

▪ **Modificações de raízes em outras línguas Tupi: quadro comparativo**

Línguas	Mudanças (1) a (3) – afixação, supleção e alternância de raiz
---------	---

Juruna	- afixação, supleção e alternância de raiz (utilizados para transitivos e intransitivos) - Funções possíveis: 1) para diferenciar sentenças com 1 ou 2 argumentos; 2) pluralidade de eventos.
Mekéns	- afixação, supleção e alternância de raiz - Funções possíveis: raízes diferentes são usadas de acordo com o número (singular/plural) dos argumentos (Galucio 200; 54/ 55).
Munduruku	Há afixação, mas não supleção de raiz verbal na língua. Contudo, Dionei Moraes (comunicação pessoal), afirma que há apenas ideofones na língua Munduruku, os quais são variação de um verbo e, em certo sentido, um caso de supleção.
Gavião	- Há afixação ({-r} / {-a}) e supleção. Segundo Moore (1984; 165/239): há mudança nas raízes apenas em alguns verbos intransitivos. - Funções possíveis são marcar plural de argumentos ou plural de eventos (Moore 1984; 165).
Xipaya	- afixação, supleção e alternância de raiz (utilizado para transitivos e intransitivos). - Funções possíveis: 1) para diferenciar sentenças com 1 ou 2 argumentos; 2) pluralidade de eventos (R. Rodrigues 1995).
Karitiana	- supleção. - Funções possíveis: nos verbos intransitivos marca sujeito; nos verbos transitivos marca objeto ou marcação de eventos singulares e plurais nos dois casos (comunicação pessoal, Storto).
Karo	- supleção e alternância de raiz (recurso utilizado apenas para verbos intransitivos) - Funções possíveis: raízes diferentes são usadas de acordo com o número (singular/plural) dos argumentos (Gabas Jr. 1999; 46).
Kamaiurá	-----

No que compete aos casos de pluralidade, como vemos, a literatura de línguas indígenas tem associado os fenômenos tanto à pluralidade de argumentos quanto à pluralidade de eventos. Dadas essas duas hipóteses de trabalho, analisaremos a seguir exclusivamente os dados de duplicação, o quarto processo de modificação de raiz que apresentamos na primeira seção. Partiremos de uma análise dos dados da língua Juruna e observaremos o que ocorre com as outras línguas citadas.

4. Duplicação: pluralidade de argumentos ou de eventos?

4.1 Duplicação lexicalizada: algumas considerações

Antes de discutirmos a duplicação de verbos relacionada à pluralidade de eventos, vale fazer uma ressalva sobre um dos tipos de duplicação que os verbos da língua Juruna apresentam: a duplicação lexicalizada. Nessa língua – e também na sua língua ‘irmã’, Xipaya -, alguns verbos, aparentemente, foram formados por duplicação, o que significa que a sua forma lexical é duplicada já na origem. Alguns verbos que podem ilustrar este fato são:

- Xipaya (C. Rodrigues 1995): *etaeta* (banhar), *wiwi* (fumar), *seasea* (sonhar), *enaena* (vomitar);

- Juruna: *taeta* (banhar), *yayaya* (chorar), *(a)taata* (çoçar), *enaena* (vomitar), *yaridjaridja* (mentir).

Os verbos acima não são encontrados sem a duplicação na raiz. Por exemplo, *vomitar*, é sempre grafado como “*enaena*”, mas nunca somente como “*ena*”. Vejamos exemplos da língua Juruna (15) e da língua Xipaya (16) com esse verbo:

- | | |
|---|---|
| <p>15) azi ena'ena
 <i>criança vomitar</i>
 “A criança está vomitando”
 (Louro 1978)</p> | <p>16) Una enaena anu
 <i>1s vomitar m.mod.</i>
 “Eu estou quase vomitando”
 (C. Rodrigues 1995; 54)</p> |
|---|---|

Nesses casos, é possível hipotetizar que há uma relação direta entre a duplicação e o aspecto iterativo, o qual, parece estar marcado na raiz. Em outras palavras, se a duplicação for considerada uma reiteração de evento, é possível que os verbos acima tenham incorporado o traço ‘iteratividade’ na raiz, mostrando assim que esses verbos denotam ações que não são pontuais.

4.2 Duplicação: para uma análise de eventos

A duplicação de verbos na língua Juruna foi discutida por Fargetti (2001; 178) como tendo duas motivações de base: 1) expressa plural de argumentos; 2) expressa reiteração. No primeiro caso, um verbo expressa o plural de um dos argumentos quando sofre duplicação via inflexão (*djidaku* > *djidaidaku*) e expressa reiteração quando o verbo duplica por sufixação (*wiyu* > *wiyāwiyā*).

Fargetti (2001) discute que a marcação de pluralidade pode estar relacionada com o sujeito (17) ou com o objeto (18) plural (Fargetti 2001; 178):

- | | |
|---|---|
| <p>17) ulu'udi eduduku.
 <i>1pl machucar-se (dupl)</i>
 “Nós nos machucamos” (Fargetti 2001)</p> | <p>18) Una ese- djidaidaku ese-be
 <i>1s 2pl- bater(dupl) 2pl-dat.</i>
 “Eu bati em vocês” (Fargetti 2001)</p> |
|---|---|

Contudo, há exemplos em que um dos argumentos está no plural, mas o verbo - *bater* (19, 20) – não duplica, tal como vemos a seguir:

- | | |
|--|--|
| <p>19) Ana ese djidaku.
 <i>3s 2pl. bater (não-futuro)</i>
 “Ele bateu em vocês”.</p> | <p>20) Una ese djidaka.
 <i>1s 2pl bater (futuro)</i>
 “Eu vou bater em vocês”.</p> |
|--|--|

Além disso, se a duplicação estivesse relacionada à plural de sujeito ou objeto, não seria possível que em uma sentença com objeto e sujeito no plural o verbo continuasse sem modificação. Ademais, também não seria possível que em sentenças em que sujeito e objeto estivessem no singular o verbo estivesse duplicado (22), tal como vemos abaixo:

- | | |
|--|--|
| <p>21) Una yaekua tese
 <i>1s lembrar 3pl</i>
 “Eu lembrei deles”</p> | <p>22) João djuda yaekuakua
 <i>João mãe lembrar-dupl.</i>
 “João lembrou da mãe (várias vezes)”.</p> |
|--|--|

A partir de dados como (22) podemos hipotetizar que a duplicação de verbos por inflexão não parece estar marcando concordância entre verbo e argumentos plurais,

mas antes, está relacionada com algum outro fenômeno. Em face das descrições de fatos semelhantes em outras línguas Tupi como Gavião, Karitiana e Xipaya, sugerimos que o fenômeno em questão em Juruna pode ser pluralidade de eventos. Este fenômeno aparentemente não é, portanto, um mecanismo de concordância entre verbo e argumentos nesta língua, mas antes é um marcador de pluralidade de eventos.

Além de Juruna e Xipaya, as outras línguas do tronco Tupi que citamos apresentam esse fenômeno, tal como podemos ver na tabela a seguir:

▪ **Duplicação nas outras línguas Tupi**

Línguas	Mudança (4) – duplicação
Juruna	Fargetti (2001; 178) 1) expressa plural de argumentos; 2) expressa reiteração. Lima: hipotetizo que a reduplicação não está associada a concordância entre verbos e argumentos, mas antes ele está relacionado somente a eventos. Vale notar que nem todas as raízes são duplicáveis.
Mekéns	Galucio (2001; 104): qualquer raiz verbal pode ser duplicada para marcar: iteratividade, modo como algum evento foi performedo ou ainda a repetição de um evento.
Munduruku	Picanço (2005; 376)/ Angotti (1998; 15): extensão do processo ou processo repetido.
Gavião	Moore (1984; 241): há duplicação na língua para marcar repetição de ação.
Xipaya	R. Rodrigues (1995; 68): duplicação marca repetição ou duração de processo. Acontece principalmente com verbos que marcam um processo que o desenvolvimento pode se prolongar (beber, fazer, dormir).
Karitiana	Mendes (2005): a duplicação verbal parece estar associada a multiplicidade de eventos descritos pela sentença.
Karo	-----
Kamaiurá	Seki (2000; 133-141) relaciona duplicação dos verbos à marcação dos aspectos: iterativo, sucessivo e intensivo.

Considerações finais

Em relação aos sintagmas nominais, verificamos que as línguas analisadas não marcam singular e, no caso do plural, ele pode, mas não necessariamente é marcado. Observando as outras línguas do tronco Tupi concluímos que há restrições sintáticas e semânticas para a ocorrência da morfologia de número plural.

Verificamos que há concordância entre os autores em relação ao processo de duplicação uma vez que, em todas as línguas discutidas, esse recurso está relacionado à pluralidade de eventos. Por outro lado, vimos que não há concordância entre os autores em relação aos outros tipos de mudança tanto em relação a como tratá-los (supleção, alternância de raiz ou afixação) quanto em relação às funções deles (pluralidade ou evento).

Vimos também que nem todos os verbos sofrem as operações citadas. Nos casos das mudanças de (1) a (3), em Karo e Gavião apenas verbos intransitivos podem sofrer essas mudanças. Em línguas como Juruna, Xipaya, Mekéns e Karitiana, os exemplos evidenciam que tanto verbos transitivos como intransitivos podem sofrer

essas mudanças. Por fim, vimos que Kamaiurá e Munduruku aparentemente não apresentam mudanças de raiz verbal.

Finalmente, nossa hipótese para a língua Juruna é que ela só marca pluralidade de eventos e não de argumentos quando os verbos duplicam. Investigaremos no futuro se também a supleção está relacionada à pluralidade de eventos nesta língua.

RESUMO: discutimos neste artigo os fenômenos de modificação de raiz verbal (duplicação, supleção, afixação e alternância de raiz verbal) mostrando que eles estão usualmente relacionado à noção de plural, seja de argumentos seja de eventos. Também apresentamos a marcação de pluralidade/ coletivos em sintagmas nominais das línguas Tupi, especialmente Juruna.

PALAVRAS-CHAVE: duplicação; supleção; afixação; alternância verbal; Tupi.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANGOTTI, Mary Lourdes de Oliveira. *A causativização em Munduruku: aspectos morfo-sintáticos*. Brasília: Universidade de Brasília, 1998 (dissertação de mestrado).
- FARGETTI, C. M. *Estudo fonológico e morfossintático da língua Juruna*. Campinas: UNICAMP, 2001. (tese de doutorado).
- GABAS JR., Nilson. *A Grammar of Karo*. Santa Bárbara: University of California, 1999.
- GALUCIO, Ana Vilacy. *The morphosyntax of Mekéns (Tupi)*. Chicago: The university of Chicago, 2001 (tese de doutorado).
- LIMA, Suzi Oliveira de. “A sintaxe da Língua Juruna”. In: *13º Simpósio Internacional de Iniciação Científica*, 2005.
- LOURO, R. L. *Fonologia Juruna*. Departamento de Antropologia e Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1978.
- MENDES, Luciana Sanchez. “Variação semântica: pluracionalidade e quantificação”. In: *13º Simpósio Internacional de Iniciação Científica*, 2005.
- MOORE, D. *Syntax of the language Gavião Indians of Rondônia, Brazil*. University of New York, 1984 (tese de doutorado).
- MÜLLER, A.P., STORTO, L. & COUTINHO, T. “Number and the count-mass distinction in Karitiana”. In: *Workshop on the Structure and Constituency of Languages of the Americas*, Vancouver, 2005.
- PICANÇO, G. L. *Munduruku: phonetics, phonology, synchrony, diachrony*. The University of British Columbia, 2005 (tese de doutorado).
- R. RODRIGUES, C. L. R. *Étude morphosyntaxique de la langue Xipaya*. Paris: Université Paris VII, 1995. (tese de doutorado)
- SEKI, L. *Gramática do Kamaiurá - Línguas Tupi-Guarani do alto do Xingu*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2000.
- STORTO, L. *Aspects of Karitiana grammar*. Massachusetts Institute of Technology, 1999 (tese de doutorado).